

# **SOBRE A HOMENAGEADA**

## **Marília Muricy Machado Pinto**

*Maria Auxiliadora Minahim*

---

Professora da Faculdade de Direito da UFBA. Mestre e Doutora em Direito.

“Estrelas são fontes cândidas de mitos”, anunciou Letícia Prata no poema *Vontade de infinito*, como se estas fossem espécie de entidades geradoras de seres que encarnam, sob forma simbólica, os aspectos idealizados da condição humana. Nascendo da estrela, o mito, portanto, têm um brilho e vigor que merecem deferência. Os nascidos em simples planetas lhe devem, mais que admiração, zelosa devoção. Assim, deve-se estabelecer a relação com Marília Muricy, astro em órbita acelerada, massa densa, em erupção intermitente.

Sua formação, apesar dos atributos privilegiados, foi consistente, e deveu-se, como ocorre com o astro, ao fato de dispor da energia necessária para dispersar nuvens de gases e pó e a aumentar a sua densidade.

Desde o tempo de estudante do Curso de Direito, já demonstrava sua natureza singular. Desta fase é o trabalho *O declínio das prisões* por ocasião do segundo centenário de Beccaria. Dela falavam os professores, em época na qual as relações entre mestres e alunos ocorriam lastreadas em tom quase reverencial, de forma especial, própria de quem desfruta o prazer de descobrir alguém que se constata ser incomum. Raul Chaves, Machado Neto, dentre outros, renovavam o brilho próprio na apreciação da monitora e aluna invulgar. Com o último, tal como Alpha Centauri A e Alpha Centauri B, passou a girar em torno de um centro comum: Carlos Cóssio e sua concepção de que “a solidariedade há de se dar dentro da paz e a justiça dentro da solidariedade”.

Seus contemporâneos ouviam, entre admirados e cobiçosos, sobre seus atributos, e qualidades, a já manifestar: propriedades de uma estrela que, apesar de ainda estar em processo de formação, não se confundia com meteoros, planetas ou mera poeira cósmica.

Sua excelência desde logo se revelava não só na inteligência aguda, na capacidade de apreensão de conhecimentos, no interesse por leituras densas, mas também no talento raro de expressão pela palavra. Poucos, em sua trajetória pela

faculdade, puderam igualá-la na aptidão para comunicação verbal, não só em razão da clareza e acervo vocabular, mas, também, pelo compromisso com a veracidade de sua fala. Pode-se afirmar, partindo da perspectiva habermasiana, que sempre procurou ser uma interlocutora ideal, fundando o ato linguístico em princípios e valores que lhe parecem válidos.

Esta face de sua personalidade lhe rendia, por vezes, a aparência de ter um temperamento difícil uma vez que não compactuava com a brandura em prejuízo da corrosão dos valores e princípios que orientam sua vida. Ocorre que, assim como as explosões solares ejetam massa coronal e lançam partículas no espaço, a veemência de seu discurso irradia-se, fazendo surgir auroras boreais em céus noturnos. Alguns preferem, porém reconhecer a própria escuridão.

Estrelas estão em constante processo de evolução, processo que pode durar bilhões de anos. Dizem os astrônomos que as fusões nucleares não cessam de ocorrer, provocando mudança estrutural das estrelas. Sob ação do hidrogênio – principal “combustível” para as reações nesses corpos celestes – e do hélio, há uma fase de grande expansão e de aumento de energia no interior das estrelas. Marília seguiu este percurso. Mestre em Direito pela Universidade Federal da Bahia, orientada por Zaidhê Machado Neto, elaborou sua dissertação intitulada *Criminalidade Feminina no Século XIX*. No ano 2000, para surpresa de todos que a tinham como estrela de primeira grandeza, desde sempre, constatou a necessidade para sua vida acadêmica, de doutorar-se em direito. Na PUC de São Paulo, como ela mesma diz, sentou-se ao lado de ex-alunos, com os quais fez provas e outras avaliações. Sua natureza verdadeira camuflou-se entre nuvens e poeira cósmica, como se fora uma jovem estrela tênue demais para ser vista a olho nu. Olhos postos em telescópios muito sensíveis, dotados de detectores de infravermelho, como os de Tercio Sampaio Ferraz podiam vê-la além da ‘cor-falsa’. Sob sua condução, escreveu e defendeu em 2006, diante de banca integrada por alguns incrédulos com a luminância de um pulsar notável, tese intitulada *Interpretação e Senso Comum*. Foi aprovada com nota dez, por unanimidade. A tese trata com sabedoria, nas palavras da própria autora “da relação de complementaridade entre o saber jurídico, de natureza científica, e as formas pré-científicas de saber sobre o direito”, o que exige a superação de alguns paradigmas em favor da compreensão do direito como expressão da liberdade humana e também o emprego de uma ética cognitiva que, na concepção de Habermas, pode validar os argumentos jurídicos.

Aristóteles, Ptolomeu ou talvez Kepler em sua obra “*Mysterium Cosmographi-cum*” teriam condições de explicar sua órbita em torno de um centro gravitacional: a ideia de liberdade como razão de viver, assim como pensava Hanna Arendt. Não se move atraída por qualquer outra força ou influência. Por isto, transitou

pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como Professora de Sociologia, percorre e deixa rastros permanentes na Faculdade de Direito e ocupa espaços importantes na esfera pública. Sua obra pode ser, basicamente, distribuída em dois grandes blocos: jurídico, propriamente dito e de defesa dos direitos humanos.

Percorreu várias constelações, venceu buracos negros e tempestades de meteoros. Traçou uma trajetória importante: além de professora da Faculdade de Direito da UFBA., Marília Muricy Machado Pinto, também lecionou na Universidade Federal do Espírito Santo, UFES e no Centro Universitário de Brasília, CEUB, em ambas como professora visitante. Lecionou, ainda, na Universidade Salvador, UNIFACS, bem como na Universidade Católica do Salvador, UCSAL. Muitas dessas atividades foram exercidas concomitantemente, a exemplo do que ocorre com os que fazem a opção pela academia, dentre as carreiras jurídicas. Em 1992 em reconhecimento ao vigor intelectual foi convidada para proferir a aula inaugural da Universidade Federal da Bahia, tendo, na ocasião falado sobre a *Universidade para a Cidadania*<sup>1</sup>. A vasta experiência acadêmica foi levada para a OAB onde atuou na Comissão de Ensino Superior dentre outras.

No ano de 1986, foi aprovada em Concurso Público para a Procuradoria Geral do Estado da Bahia, mas atendendo à mesma força que sujeita o Sol à gravitação das pesadas estrelas no centro da Galáxia e que também atrai nossa galáxia para Andrômeda, apenas permaneceu no cargo até 1996 porque a vocação pela universidade exigia atenção integral. São desse período as seguintes entrevistas publicadas em jornais baianos: “*Não tenho nenhuma dúvida: o Poder Judiciário precisa ter um controle externo*”, “*Planalto quer a mulher de volta à fiscalização*” “*Tempos universitários*”, “*Lugar de mulher é nas praças*” “*Justiça baiana precisa de conselho, Impeachment e cidadania*”, “*Conselho não será agressão ao judiciário*”, “*Direitos humanos e segurança pública*” e “*Advogadas mobilizam-se para defender direitos da mulher*”, dentre inúmeros outros nos quais se destaca a preocupação em assegurar um espaço público de convivência entre iguais e livres. Aliás, a atenção dedicada ao poder judiciário tem sido constante em sua vida, podendo-se ler, em artigo publicado no ano de 2009, a propósito das fronteiras que devem existir entre o exercício de políticas públicas e o ativismo judicial, que “alguns órgãos do Ministério Público e do Poder Judiciário esquecem os limites entre o poder exercido com responsabilidade social e as seduções da prepotência.”<sup>2</sup> Justa advertência para o respeito devido à disciplina constitucional estabelecida para os diversos poderes.

---

1. Publicada na Revista *Crises e Dilemas da Universidade no Brasil*, Salvador Editora UFBA, 1995.

2. Construção democrática e relações institucionais. Terra magazine. Publicado em 29 de janeiro de 2009.

Fumante durante longo tempo, é possível encontrá-la de cigarro na boca ou nas mãos quando trata da defesa das mulheres, como ocorre na foto que ilustra “*Descriminalização do aborto: erro ou acerto?*” Nesse texto, ao contrário de como procedem as feministas, alerta para a armadilha que conduz ideia de que o aborto pode ser a alternativa correta para a mulher “maltratada pela dominação masculina, que sob a dura experiência do desamor, não consegue ver em sua gravidez se não um útero crescido e uma barriga inchada”. Com absoluta lucidez mostra que, além de todas as argumentações – algumas fortes – desenvolvidas em favor do aborto, estão a obrigação do poder público de assistir à maternidade, evitando que o nascimento de uma pessoa seja reduzido “a questões sociais, econômicas e afetivas”<sup>3</sup>.

Entre 2007 e 2009, foi Secretária de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Estado da Bahia; uma oportunidade, como ela mesma disse, para por em prática todo discurso de muitos anos em favor do respeito à dignidade da pessoa humana. De fato, aplicou recursos para a implantação de serviços essenciais – saúde, educação e trabalho – capazes de tornar o cotidiano nas prisões mais suportável e de proporcionar alguma ajuda para a superação dos conflitos pessoais e sociais dos internos. Fez investimentos importantes na criação de um sistema de núcleos para dar sustentação na execução das penas alternativas, o grande estandarte do direito penal contemporâneo.

No âmbito político, ganhou densidade nacional porque em testemunho dos valores e da ética pública que defende, demonstrou que não teme grandezas aparentes e expõe-se às colisões – como os asteroides – desde que seja possível produzir luz zodiacal. Um dos episódios mais recentes de sua trajetória revela uma mulher firme para quem “não existe a ética do mais ou menos”, nem uma contaminação promíscua da esfera pública pela esfera privada, proclamando que o eleitor passa a exigir “novos padrões de referência para garantir a dignidade de sua escolha”. Uma independente, ela própria, anunciou a chegada do tempo em que se deve dar voz aos independentes, efetivamente interessados na consolidação de avanços no futuro da República.<sup>4</sup> Na Comissão de Ética Pública da Presidência notabilizou-se pela coragem com que analisou denúncias envolvendo o Ministro Lupi. Foi intenso o júbilo de ouvi-la – uma mulher numa cultura ainda machista em muitos aspectos – colocando-se contra todo um sistema apoiado em condescendências

---

3. Descriminalização do aborto: erro ou acerto? Tribuna da Bahia, Publicado em 23 de novembro de 1985.

4. Ética Pública: uma prática republicana. Publicado 06/08/2012 em Bahia Notícia. Disponível em: [www.bahianoticias.com.br](http://www.bahianoticias.com.br). Acesso em: 23 mar. 2013.

mútuas e apontar suas mazelas. Perdeu espaço nessa galáxia, mas ganhou o respeito e adesão de pessoas como do ex-ministro Sepúlveda Pertence.

Uma estrela é uma esfera de plasma o qual, pela presença de um número expressivo de portadores de carga, torna-se eletricamente condutor. Possui propriedades bastante diferentes das de sólidos, líquidos, gases e é considerado um estado distinto da matéria.<sup>5</sup> Dispondo de tal matéria, Marília Muricy, deu forma e criou outros entes, suas obras. São muitos os textos acadêmicos de sua autoria, podendo-se nomear: *O Erudito e o empírico*, *A distinção proposições jurídicas/normas de direito na nova teoria pura*, sobre o qual Carlos Cossio afirmou ter sido o melhor trabalho sobre egologismo publicado naquele ano; *Os pressupostos da sociologia do desvio e da psiquiatria fenomenológico-existencial* no qual trata da tradição da psiquiatria tradicional de classificar e rotular doenças, deixando de conhecer os doentes e suas expressões divergentes da objetividade, preferindo, ao revés, classificá-las como mero sintomas de uma enfermidade; *Racionalidade do direito, justiça e interpretação. Diálogo entre a Teoria Pura e a Concepção Luhmanniana do Direito como Sistema autopoietico.. Hermenêutica Plural. O ensino jurídico fundamental e as práticas de seleção para o mercado profissional.*

É bem verdade que grande parte destas informações pode ser obtida no Currículo Lattes o qual, como um mapa estelar, é uma ferramenta útil para o conhecimento de uma estrela. Ocorre que todo mapa é a redução de algo maior, uma mera representação de ente que, por sua dimensão, não pode ser conhecido a olho nu. O mito, aliás, não pode ser conhecido, embora isto não signifique que resulte de uma imaginação exaltada, mas sim que, como símbolo, é um modo de significação, como afirma Roland Barthes. Em se tratando de Marília Muricy, o signo, representa uma pessoa que, com sua conduta ética e talento invulgar, honra qualquer espaço para onde se desloque.

---

5. Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela>. Acesso em 27 mar. 2013.